

A LITERATURA INFANTO-JUVENIL BRASILEIRA: DOS PRECURSORES AO PRÉ- MODERNISMO

META

Apresentar um breve panorama da literatura infanto-juvenil brasileira dos seus precursores ao Pré-Modernismo

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

identificar e comentar as tendências temáticas e estilísticas das obras infantis e juvenis brasileiras do final do século XIX ao Pré-Modernismo apresentadas nesta aula;

elaborar resenha crítica do capítulo 3 do livro *Literatura Infantil Brasileira História e Histórias*, das autoras Regina Zilberman e Marisa Lajolo.

PRÉ-REQUISITOS

Para ter um bom aproveitamento desta aula é necessário fazer a leitura das aulas 1, 2, 3, 4 e 5 deste caderno.

INTRODUÇÃO

No final do século XIX e começo do XX a sociedade brasileira vivenciava transformações profundas na economia, na política, na cultura e no sistema escolar, que passava por reformas e incorporava a produção literária para crianças e jovens. Inicialmente, incluíam-se a esse programa adaptações e produções, mas naquele momento começou a firmar-se uma consciência de valorização do elemento nacional e os escritores investiam na busca de uma literatura própria, voltada para a criança e para a juventude. O mesmo pensamento se firmava a respeito da literatura geral. E nas primeiras décadas do século XX havia no Brasil uma literatura infantil que registrava a vida brasileira, mas ainda no modelo do que aprendeu com a européia.

O período de passagem do séc. XIX para o XX foi marcado por um pensamento de renovação da cultura e da escola brasileiras. Professores, intelectuais, escritores acreditavam que o ponto de partida para a mudança transformadora era a educação. No entanto, os valores ideológicos que orientavam essa proposta eram os da herança do sistema econômico, político, cultural e educacional do passado: da Idade Média (Feudalismo, aristocracismo), escravagismo, liberalismo e positivismo.

O sistema educativo deveria fundamentar-se no nacionalismo (amor à pátria, à terra – vida rural, culto das origens e valorização da língua falada no Brasil); no intelectualismo (valorização do estudo do livro e, naturalmente do saber); tradicionalismo cultural (valorização dos modelos – autores e obras – do passado e moralismo e religiosidade, dentro dos preceitos cristãos. E era na escola que esses valores seriam cultivados e consolidados, especialmente nos primeiros anos do ensino e por meio de leituras “significativas” que orientavam a formação da criança e do jovem.

O ensino escolar requisitou à literatura que unida à Pedagogia passou a fazer parte da formação de uma classe média que valorizava o saber. Reforma pedagógica e transformação da proposta literária marcaram o início do século XX. O sistema educativo adotou valores como o nacionalismo em que havia uma preocupação com a língua portuguesa do Brasil, a dedicação e entusiasmo pela pátria, culto das origens, amor pela terra, valorizando a vida rural; o intelectualismo: valorização do estudo e do livro; tradicionalismo: valorização da cultura, dos autores e das obras literárias do passado; moralismo e religiosidade: valorização dos preceitos cristãos, entre eles honestidade, solidariedade, fraternidade, retidão de caráter e pureza de corpo e de alma.

Esses valores vão ser encontrados nas obras literárias da passagem do século XIX e começo do século XX. Alguns livros produzidos com finalidade pedagógica destinavam-se à leitura na escola – também defendiam esses valores. Mesmo os livros de cunho literário tinham destinação e utilização pedagógica.

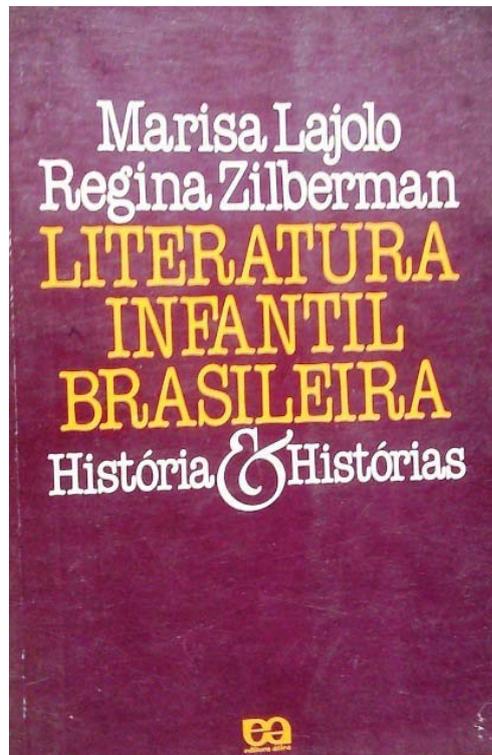
A partir dessa perspectiva várias obras literárias européias foram traduzidas e utilizadas nas escolas brasileiras, no início do processo, e em seguida, absorvido o modelo, os profissionais da educação e os demais intelectuais propunham um nacionalismo brasileiro: assuntos brasileiros, personagens e situações brasileiras nas obras literárias produzidas com finalidades educativas, e adotadas pela escola como livros de leituras básicas para a formação do homem brasileiro, certamente daquele que podia freqüentar a escola...

A literatura infantil praticamente não existia entre nós. Antes de Monteiro Lobato havia tão-somente o conto com fundo folclórico. Nossos escritores extraíam dos vetustos fabulários o tema e a moralidade das engenhosas narrativas que deslumbraram e enterneceram as crianças das antigas gerações, desprezando, freqüentemente, as lendas e tradições aparecidas aqui, para apanharem nas tradições européias o assunto de suas historietas. É o caso, por exemplo, dos Contos da Carochinha, de Alberto Figueiredo Pimentel, aparecido em 1895, e que pode ser considerado o primeiro livro infantil publicado em português, no Brasil. (Apud Coelho: 1991, p. 223)

Já no início do séc. XIX, obras literárias infantis e juvenis circulavam no Brasil, lidas e aproveitadas pela escola, além de influenciarem a criação de obras brasileiras do gênero. Essas obras eram traduzidas ou adaptadas e faziam grande sucesso entre leitores brasileiros. Os responsáveis por isso foram Carlos Jansen, que fez as traduções e Figueiredo Pimentel que adaptou as obras estrangeiras como: *Contos Seletos das Mil e Uma Noite*, *Robinson Crusóé*, *Viagens de Gulliver*, *As Aventuras do Barão de Münchhausen*, *Contos para Filhos e Netos*, *Dom Quixote de La Mancha*, (traduzidos por Jansen). O escritor Francisco Pimentel ainda organizou e assinou a divulgação das obras de Perrault, Grim e Andersen reunidos nas obras *Contos da Carochinha* (1894), nas *Histórias da Avozinha* (1896) e nas *Histórias da Baratinha* (1896), editadas pela Livraria Quaresma (ZILBERMAN: 1984, p. 29). A obra literária *Cuore* ficou conhecida no Brasil pela tradução do sergipano João Ribeiro. Ainda no final do séc. XIX, aparece a obra *Contos Infantis* (1886), de Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira.

Apesar da importância deste acervo, era necessário que os brasileiros produzissem sua própria literatura infantil e juvenil; brasileira “pelos assuntos pelo espírito, pelos autores transladados, pelos poetas reproduzidos e pelo sentimento nacional que o anime”. Diz o crítico literário José Veríssimo. Também lamenta “a carência de material adequado de leitura para crianças brasileiras”; outro pesquisador sergipano, Sílvio Romero:

Ainda alcancei o tempo em que nas aulas de primeiras letras aprendia-se a ler em velhos autos, velhas sentenças fornecidas pelos cartórios dos escrivães forenses. Histórias detestáveis e enfadonhas em suas impertinentes banalidades eram-nos administradas nestes poeirentos cartapácios. Eram como clavas a nos esmagar o senso estético, a embrutecer o raciocínio, a estragar o caráter.” referenciados por (ZILBERMAN: 1984, p. 28).



(Capa do Livro *Literatura infantil brasileira*- Foto Antonio Flavio).

A poesia não teve expressão naquele momento, a não ser por alguns poemas infantis incluídos no livro *Coração*, de Zalina Rolim (1893) e *Livro das Crianças* (1897).

As necessidades pedagógicas e nacionalistas incentivaram a produção de obras infantis (e Juvenis) no começo do século XX. O desenvolvimento das cidades exigia mão-de-obra escolarizada e os leitores, jornalistas e intelectuais cobrando assuntos nacionais, provocaram o aparecimento de obras infantis e juvenis assinadas por importantes escritores da época. Olavo Bilac e Coelho Neto editam *Contos Pátrios* (1904) e em 1907, Júlia L. de Almeida publica a obra *Histórias de Nossa Terra*. Olavo Bilac e Manuel Bonfim lançam *Através do Brasil* (1907), e Júlia Lopes de Almeida volta à

cena literária com a obra *Era uma vez*. Essa fase inicial da literatura infantil e juvenil brasileira se encerra com a publicação da obra *Saudade*, de Tales de Andrade.

Segundo a professora Regina Zilberman, o processo de nacionalização da Literatura Infantil brasileira inicia-se com a realização de programas de nacionalização do acervo, e muito se aprendeu com obras literárias europeias de cunho patriótico, como *Le Tour de La France par deux Garçons*, de G. Bruno (1877) e *Cuore* (1886) de D'Amicis. “Patriotismo, amor e respeito à família e aos mais velhos, a dedicação aos mestres e à escola, a piedade pelos pobres e fracos.” (ZILBERMAN: 1984, p. 33).

O tema do patriotismo avança forte e constante no período republicano (início), assumido pelo governo, pela escola e pelos escritores de literatura infanto-juvenil. A obra *Através do Brasil*, de Bilac e M. Bonfim reuniu outras com o mesmo propósito patriótico e ufanista, especialmente através da escola, com a prática da leitura. *Contos infantis* (Júlia Lopes de Almeida e Adelina L. de Almeida), *Pátria* (João Vieira de Almeida), *Por que me ufano do meu país* (Afonso Celso), *Contos Patrios* (O. Bilac), e *Histórias da Nossa Terra* (Júlia L. de Almeida) são obras que contribuíram para dar consistência àquelas idéias. *Através do Brasil* nos dá uma grande lição de civismo, patriotismo e brasilidade, aludindo a heróis brasileiros e exaltando a natureza. *Histórias da Nossa Terra* (1907) engloba 31 contos (uma parte é formada de cartas); o cenário é brasileiro, de diferentes cidades brasileiras.

Em *Histórias da nossa terra*, o amor à pátria é uma das virtudes apregoadas, tematizada, por exemplo, no conto *O tesouro*: um velho soldado inválido, Ângelo, luta com ladrões que, pensando apropriar-se de ouro e metais preciosos, tentam roubar os saquinhos em que o herói guardava punhados de terra das várias localidades brasileiras a serem espalhados sobre seu túmulo, como fica registrado na canção com que a neta consola o velho inválido:

De cada terra em que estive,
Das que este Brasil encerra
E que defendi com sangue
Trouxe um punhado de terra.

Guardei-a como lembrança
De mais valor e mais pura,
E há de minha neta um dia
Pô-la em minha sepultura.

Em outros momentos, o patriotismo se expressa através de juízos elogiosos e entusiasmados, emitidos por várias personagens a propósito dos grandes vultos da história brasileira. Ou ainda através do discurso retórico e patriótico que envolve o país em metáforas femininas de fertilidade e pujança:

Vede esta terra, padre! (...) toda ela reclama braços de filhos livres e amorosos, que lhe rasguem os seios, que a fecundem, que a tornem numa grande pátria, bendita e forte. (ZILBERMAN: 1984, p. 36).

A literatura infantil é, naquele momento, a expressão do projeto ideológico que abafa outras formas de renovação cultural e artística, disfarçado na valorização da paisagem brasileira. Vamos observar o poema *A Pátria*, de Olavo Bilac.

A PÁTRIA

Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!
Criança! Não verás nenhum país como este! Olha que céu! Que mar! Que rios! Que floresta! A Natureza, aqui, perpetuamente em festa, É um seio de mãe a transbordar carinhos. Vê que vida há no chão! Vê que vida há nos ninhos Que se balançam no ar, entre os ramos inquietos! Vê que luz, que calor, que multidão de insetos! Vê que grande extensão de matas, onde impera Fecunda e luminosa, a eterna primavera!

Boa terra! Jamais negou a quem trabalha
O pão que mata a fome, o teto que agasalha...

Quem com seu suor a fecunda e umedece,
Vê pago o seu esforço, e é feliz, e enriquece!

Criança! não verás país nenhum como este:
Imita na grandeza a terra em que nasceste!

(Olavo Bilac)

No poema, o modo imperativo de se dirigir à criança mostra o desrespeito que a poesia de Bilac dedicava aos interesses infantis.

A obra que fecha este ciclo inicial da literatura infantil anterior a Monteiro Lobato é *Saudade*, de Tales de Andrade (1919). Para comentar a obra recorreremos, mais uma vez, à competente avaliação da professora Regina Zilberman:

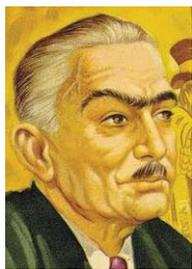
Nesse, a apologia da natureza, tal como ocorrera em outras obras, tem um significado ideológico bastante marcado. Num discurso muito menos metafórico e conotativo que o dos versos bilacianos, a ficção de Tales de Andrade endossa e propaga a imagem de um Brasil que encontra na agricultura sua identidade cultural, ideológica e econômica. Saudade é a apologia da felicidade e da riqueza por intermédio da agricultura, riqueza e felicidade acenadas como resultado social do programa político que o livro abraça. Apresentado em primeira pessoa, a narrativa é confiada ao protagonista Mário, que desfia sua história familiar e documenta (aplaudindo) sua escolha profissional da agronomia como carreira. (ZILBERMAN: 1984, p. 40)

Mas se este nacionalismo ufanista caracteriza as obras infantis anteriores a Lobato, a obra desse escritor, do mesmo período: *Urupês* e *Cidades Mortas*, desenvolve já um nacionalismo crítico, assim como ocorre com a obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (também anterior), de Lima Barreto. As obras dos dois autores mencionam a falência de uma “proposta rural para a nação” (idem, p. 40)

Um outro projeto pretende recuperar o Brasil pela leitura. É o trabalho da professora Alexina de Magalhães Pinto, com o propósito de garantir às crianças o acesso ao material folclórico brasileiro expresso nas cantigas, histórias, provérbios e brinquedos: *As Nossas Histórias* (1907), *Os Nossos Brinquedos* (1909), *Cantigas das Crianças e do Povo e Danças Populares* (1916), *Provérbios Populares, Máximas e Observações Usuais* (1917), usado nas escolas primárias.

A professora Nelly Novaes Coelho relaciona autores e obras do período como: Antônio Marques Rodrigues com a obra *O Livro do Povo* (1861), Felisberto de Carvalho: *Livros de Leitura* e *Serie Didática* que aborda vários saberes do Ensino Primário, as disciplinas (1890), Romão Puiggari: *Coisas Brasileiras* (1893), Puiggari e Arnaldo Oliveira Barreto: *Série Puiggari Barreto* (1895), Arnaldo de Oliveira Barreto: *Cartilha das Mães* (1885), *Leituras Morais* (1896), João Kopke: *Livros de Leitura* (1895), Fausto Barreto e Carlos de Laet: *Antologia Nacional* (1895) solicitado pela editora Francisco Alves e foi tão marcante para o momento que chegou a ser utilizado até o começo do séc. XX.

Muitas outras obras surgiram nesse período, entre as mais conhecidas destacam-se o livro infantil *O Amiguinho Nhonhô* (1882) de Menezes Vieira, *Contos Infantis* (1886) de Júlia Lopes de Almeida, *Livro das Crianças* (1897) de Zalina Rolim (coletânea de contos e pequenas histórias em verso), *O Livro da Infância* (1899) da poetisa Francisca Júlia, *Leituras Infantis* (1900) do educador Francisco Viana, também para fins pedagógicos – utilizados para ensinar através de contos e histórias. O autor entendia que tal seleção não podia ser subordinada, exclusivamente ao prazer ou diversão:



Monteiro Lobato

(Taubaté, 18 de abril de 1882 – São Paulo, 4 de julho de 1948) foi um dos mais influentes escritores brasileiros do século XX. Foi editor de livros inéditos e autor de importantes traduções. Ficou popularmente conhecido pelo conjunto educativo de sua obra de livros infantis, além de contos (geralmente sobre temas brasileiros), artigos, críticas, crônicas, prefácios, cartas, um livro sobre a importância do petróleo e do ferro, e um único romance. Suas obras para crianças, mais famosas são *Reinações de Narizinho* (1931), *Caçadas de Pedrinho* (1933) e *O Picapau Amarelo* (1939).

... ao escrevermos tais livros, não podemos e nem devemos subordiná-los exclusivamente ao gosto e às tendências das crianças. Toda leitura, qualquer que seja, exerce uma certa reação sobre quem a faz, pois, como demonstrou A. Comte, nada há de indiferente ao sentimento. Assim sendo, convém aproveitar em tais lições assuntos que concorram para a formação de seus sentimentos e de seu caráter, em suma, de seu moral. Isto só se pode obter desenvolvendo o altruísmo e comprimindo o egoísmo. (Apud O Livro de Educação, p. 177.)”. (COELHO: 1991, P. 217).

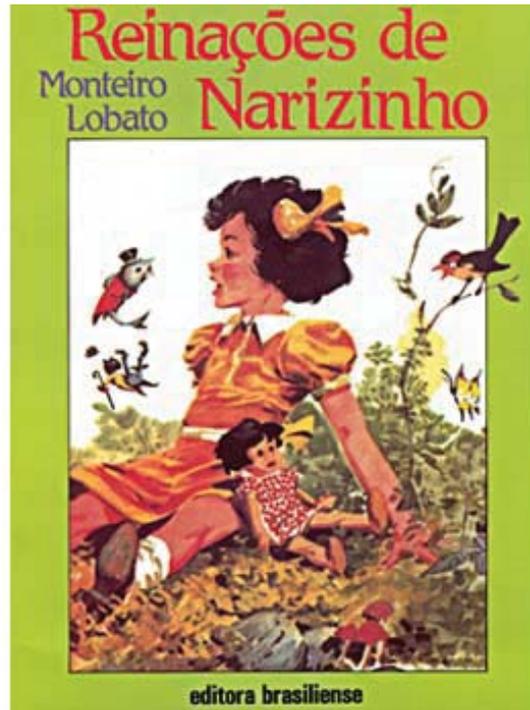
Contos da Carochinha é a famosa coletânea de contos e histórias traduzidas em linguagem brasileira, do escritor Figueiredo Pimentel.

Pimentel reuniu em *Contos da Carochinha* 61 contos populares, morais e proveitosos, de vários países, traduzidos ou recolhidos diretamente da tradição local. Nessa recolha, há contos de Perrault, Grimm e Andersen; fábulas; apólogos; alegorias; contos exemplares; lendas; parábolas; provérbios; contos jocosos; e etc. A essa seleção seguem-se outras coleções: *Histórias da Avozinha*; *Histórias da Baratinha*; *Contos de Fadas*; *Contos do Tio Alberto*; *Histórias do Arco-da-Velha*; etc. (COELHO: 1991, p. 216).

As Nossas Histórias (1907) de Alexina de Magalhães Pinto comporta vários títulos em prol da renovação do ensino. *Páginas Infantis* (1908) de Presciliana Duarte de Almeida. *Era Uma vez* (1908) de Viriato Correia, é uma coleção de contos folclóricos e contos maravilhosos que recria histórias brasileiras e européias (*O Sapo no Céu*), (*O Peixinho Encantado*); deu preferência às fábulas de tema folclórico ou histórico.

Olavo Bilac fez sucesso no começo do século XX com a obra *Através do Brasil* de orientação nacionalista e pedagógica, uma novela, com uma só narrativa (de viagem). A novela *Saudade* (1919), de Tales de Andrade, desenvolve o tema da vida rural, mesclando realidade e ficção e pondo em confronto a vida urbana e a rural. O próprio Monteiro Lobato escreveu *A Menina do Nariz Arrebitado*, *Segundo Livro de Leitura* para uso das Escolas Primárias. E com este nasceu a *Literatura Infantil Brasileira*, explicitamente destinada ao ensino.

Aí vai um fragmento dessa obra fundadora:



(Capa do livro *Reinações Narizinho* (Fonte: http://s8.com.brimages-bookscovering856468_4.jpg).

Narizinho gostou tanto daquela revolta que chegou a bater palmas de alegria, na esperança de ainda encontrar pelo seu caminho algum daqueles queridos personagens.

— Tudo isso — continuou dona Carochinha — por causa do Pinóquio, do Gato Félix e sobretudo de uma tal menina do narizinho arrebitado que todos desejam muito conhecer. Ando até desconfiada que foi essa diabinha quem desencaminhou Polegar, aconselhando-o a fugir.

O coração de Narizinho bateu apressado.

— Mas a senhora conhece essa tal menina? — perguntou, tapando o nariz com medo de ser reconhecida.

— Não a conheço — respondeu a velha — mas sei que mora numa casinha branca, em companhia de duas velhas corocas.

Ah, por que foi dizer aquilo? Ouvindo chamar dona Benta de velha coroca, Narizinho perdeu as estribeiras.

— Dobre a língua! — gritou vermelha de cólera. — Velha coroca é vosmecê, e tão implicante que ninguém mais quer saber das suas histórias emboloradas. A menina do narizinho arrebitado sou eu, mas fique sabendo que é mentira que eu haja desencaminhado o Pequeno Polegar, aconselhando-o a fugir. Nunca tive essa “bela idéia”, mas agora vou aconselhá-lo, a ele e a todos os mais, a fugirem dos seus livros bolorentos, sabe?

A velha, furiosa, ameaçou-a de lhe desarrebitar o nariz da primeira vez em que a encontrasse sozinha.

— E eu arrebitarei o seu, está ouvindo? Chamar vovó de coroca! Que desaforo!...

Dona Carochinha botou-lhe a língua. uma língua muito magra e seca. e retirou-se furiosa da vida, a resmungar que nem uma negra beijuda. O príncipe respirou de alívio ao ver o incidente terminado.

Depois encerrou a audiência e disse ao primeiro-ministro:

— Mande convite a todos os nobres da corte para a grande festa que vou dar amanhã em honra à nossa distinta visitante. E diga a mestre Camarão que ponha o coche de gala para um passeio pelo fundo do mar. Já.

Sobre essas obras se afirma:

“Uma das grandes figuras entre os precursores na criação de uma literatura essencialmente brasileira foi a romancista Júlia Lopes de Almeida (1862/1934). Sua primeira contribuição à literatura para crianças foi *Contos Infantis*, sessenta narrativas em verso ou prosa, escritas em colaboração com sua Irma, Adelina A. Lopes Vieira, e destinadas à “diversão e instrução da infância”. Seu sucesso foi imediato. Dentro da linha nacionalizante e didática, escreve *Histórias da Nossa Terra* (1917). Retomando o maravilhoso, publica *Era uma vez* (1917) e *Jardim Florido* (s/d), todos com várias reedições.” (COELHO: 1991, p. 214).

É como fruto e motor da ideologia desse período que os textos destinados à infância e juventude podem ser encarados. Por isso, não denunciam uma realidade, mas a encobrem, sem deixar de transmitir ao leitor os valores que endossam. A postura, por escapista, mostra-se reveladora; contudo, é dela que proveio a eficiência do gênero. Este perdurou e tomou corpo, adquiriu solidez e deu segurança aos investidores, em virtude da utilidade que demonstrou e da obediência com que seguiu as normas vigentes.

Sobrevivendo por se sujeitar a interesses que a razão pode condenar, a literatura infantil expressou a face material da cultura: as concessões e contradições que a permeiam, enquanto condição de participar da história e atuar na sociedade. (ZILBERMAN: 1984, p. 122)

ATIVIDADES



Após o estudo dessa aula comente e identifique as tendências temáticas e estilísticas das obras do período, a partir da apresentação dos críticos literários.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

O aluno deverá orientar-se pelos comentários sobre as obras feitos pelos críticos literários, no texto da aula.

2. Depois de estudar o capítulo 3 do livro *Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias* elabore uma resenha crítica desse capítulo.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Você deverá observar a estrutura da resenha; deverá ficar atento para as qualidades e os defeitos do texto, e indicar sua contribuição para o estudo.

CONCLUSÃO

As obras literárias infantis e juvenis que circularam no Brasil do final do século XIX até o Pré-Modernismo eram traduções de obras estrangeiras, aquelas fundadoras da Literatura Infantil na Europa. Além dessas obras, que foram muito importantes para a própria formação de uma literatura infantil e juvenil de cunho nacional e propriamente brasileira, a partir daquele momento começaram a surgir as sonhadas obras que iriam constituir o cânone literário da literatura infanto-juvenil brasileira.

O compromisso com interesse pedagógico herdado das Literatura Infantil européia, foi uma das marcas mais fortes dessas obras, acrescentando a isso o ideal nacionalista no aproveitamento de animais e elementos da natureza brasileira, ao lado da religiosidade e do moralismo cristãos. As escolas absorviam as obras e elas mantinham a obrigação de fornecer um material que representava a interpretação dos valores cristãos, burgueses, educacionais, de modo a confirmá-los, evitando o seu questionamento.

Pouca coisa da literatura infantil apareceu trazendo os reais interesses da criança, produzida a partir do ponto de vista da infância. Só mais tarde, em 1920, aparece a obra de Monteiro Lobato, trazendo uma proposta nova e diferente, apesar de também estar comprometida com valores educacionais, mas agora, com a Escola Nova de Anísio Azevedo, pensada como uma revolução em educação. E *A Menina do Nariz Arrebitado* puxava essa “revolução”, em literatura para a criança e o jovem.



RESUMO

Foi no final do século XIX e início do XX que surgiram os primeiros livros de literatura infanto-juvenil. As várias áreas do conhecimento passavam por mudanças substanciais e a educação não estava de fora. Naquele momento, a inserção da literatura, ou a sua união às práticas pedagógicas caracterizava as mudanças por que passava a educação. Isso, porém, não acontecia de forma gratuita. Havia um interesse na formação da criança com conceitos firmes sobre a família, a moral, o patriotismo e o civismo. Nesse período, então, começaram a circular pelo Brasil os clássicos da literatura universal como *As Mil e Uma Noites*, *Robinson Crusóé*, *As Viagens de Gulliver*, fato que influenciou a produção da literatura infanto-juvenil nacional. Foi assim que escritores como Olavo Bilac, Júlia Lopes de Almeida, Adelina L. de Almeida, Afonso Celso e tantos outros passaram a recheiar suas obras com temas que seriam reaproveitados na formação da criança e da juventude. Data dessa época também *A Menina do Nariz Arrebitado* de Monteiro Lobato, livro que deu início à literatura infantil brasileira, destinada explicitamente ao ensino. Muitas outras obras surgiram nesse período e todas em prol da renovação do ensino.



PRÓXIMA AULA

O próximo assunto tratará da literatura infanto-juvenil brasileira: de Lobato à atualidade.



AUTOAVALIAÇÃO

Após fazer o estudo dessa aula, sento-me capaz de identificar e comentar as tendências temáticas e estilísticas das obras infantis e juvenis brasileiras do final do século XIX ao Pré-Modernismo?

Sou capaz de fazer uma resenha crítica do texto sobre literatura Infantil.

REFERÊNCIAS

- COELHO, Nelly Novaes. PANORAMA HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL/JUVENIL: Das Origens Indo-Européias ao Brasil Contemporâneo. 4ªed. Revisada. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: História e Histórias. São Paulo: Ática, 1984.
- LOBATO, Monteiro. Reinações de Narizinho. São Paulo: Editora Brasileira, 1931.

MEIRELES, Cecília. Problemas da Literatura Infantil. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

ZILBERMAN, Regina. Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1986.

ZILBERMA, Regina. Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1986.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Monteiro_LobatoV